



A contação de histórias com uso das tecnologias no Pré-Escolar Mãe Eduvirgens: limites e desafios em tempos de pandemia

 Ludymila Alves Damascendo¹,  Marilene Soares da Silva²

^{1, 2} Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. Centro de Educação, Humanidades e Saúde/Campus de Tocantinópolis. Rua 6, s/n, Bairro Vila Santa Rita. Tocantinópolis. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: ludamasceno-uft@outlook.com

RESUMO: É fato que, no contexto educacional a contação de histórias sempre esteve e estará presente nas diferentes etapas de ensino. Essa arte contribui para preservação de diversas culturas sociais. Além disso, ela possibilita que o sujeito ouvinte conheça outros mundos por meio da imaginação. Dessa forma, o presente trabalho analisa o uso da contação de histórias através de recursos midiáticos como instrumento de ensino para aulas híbridas e remotas em tempos de pandemia. É abordada a importância dessa arte no contexto educacional, principalmente na fase inicial e com isso o texto dialoga sobre os diferentes espaços em que a oralidade se encontra nos dias atuais, citando autores para subsidiar a discussão. Menciona também o trabalho realizado pela Pré-Escolar Mãe Eduvirgens, localizada no município de Tocantinópolis (Tocantins) ao expor relatos sobre diferentes possibilidades e estratégias de se trabalhar com essa arte. Por fim, o trabalho apresenta as respostas de um questionário respondido pelas professoras da instituição por meio do qual comentaram suas experiências com a contação de histórias.

Palavras-chave: contação de histórias, pandemia, tecnologia, relatos de experiências.

The telling of stories with the use of technologies in Preschool Mother Eduvirgens: limits and challenges in times of pandemic

ABSTRACT: It is a fact that, in the educational context, storytelling has always been and will be present in the different stages of teaching. This art contributes to the preservation of diverse social cultures. In addition, it allows the listening subject to know other worlds through imagination. In this way, the present work analyzes the use of storytelling through media resources as a teaching tool for hybrid and remote classes in times of pandemic. The importance of this art in the educational context will be addressed, especially in the initial phase. The text will talk about the different spaces in which orality is found nowadays, citing authors to support the discussion. It will mention the work carried out by Pré-Escola Mãe Eduvirgens, located in the city of Tocantinópolis-TO, exposing reports on different possibilities and strategies of working with this art. Finally, the work will present the answers to a questionnaire answered by the institution's teachers, through which they commented on their experiences with storytelling.

Keywords: storytelling, pandemic, technology, experience reports.

La narración de historias con el uso de tecnologías en Preescolar Madre Eduvirgens: límites y desafíos en tiempos de pandemia

RESUMEN: Es importante que, en el contexto educativo, la narración de cuentos siempre haya estado y estará presente en las diferentes etapas de la enseñanza. Este arte contribuye a la preservación de diversas culturas sociales. Además, permite al sujeto oyente conocer otros mundos a través de la imaginación. Por lo tanto, el presente trabajo analiza el uso de la narración de historias a través de recursos mediáticos como herramienta de enseñanza para clases híbridas y remotas en tiempos de pandemia. Se aborda la importancia de este arte en el contexto educativo, especialmente en la fase inicial y con esto el texto dialoga sobre los diferentes espacios en los que la oralidad está presente actualmente, citando autores para apoyar la discusión. También menciona el trabajo realizado por La Madre Preescolar Eduvirgens, ubicada en el municipio de Tocantinópolis (Tocantins) al exponer informes sobre diferentes posibilidades y estrategias de trabajo con este arte. Finalmente, el artículo presenta las respuestas a un cuestionario respondido por los docentes de la institución a través del cual comentaron sus experiencias con la narración de cuentos.

Palabras-clave: narración de cuentos, pandemia, tecnología, informes de experiencia.

Introdução

No ano de 2020 foi dado início a uma fase muito difícil para todos. Fase de incertezas, de dificuldades, insegurança e medo. Nunca se havia visto uma escola desolada, sem barulho, sem alegria e sem crianças. Uma escola fechada por causa de uma doença desconhecida, efêmera, com alto grau de mortalidade e transmitida através do ar e contato físico. Foi um tempo de perdas, cuja maior dúvida era se algum dia as coisas voltariam à normalidade. Tudo provocado pela pandemia da Covid-19.

Grandes foram os impactos causados pela pandemia: vidas perdidas, empresas fechadas, distanciamento social obrigatório, jovens e crianças tiveram a sua vida escolar paralisada, atrasando seu desenvolvimento e sendo prejudicadas por tempo indeterminado. Como consequência disso o índice de depressão aumentou significativamente.

Os profissionais da escola questionavam: será se algum dia eu verei novamente minha sala cheia de crianças escrevendo, brincando, desenhando, brigando, gritando, sorrindo, chorando? Será se ainda terei o privilégio de escolher uma apresentação para minhas crianças nas datas comemorativas? E as reuniões com os pais? Quando poderei voltar a ver e a ouvir meu aluno sem ser através da tela de um celular ou de um computador? Será se eu como professora voltarei a ter o privilégio de poder abraçar meus alunos? Foi a partir daí que o contato social passou a fazer falta: o cansaço e o estresse da rotina de planejamento, bem como o atendimento de 20 (vinte) ou mais crianças em uma sala de aula tornaram-se saudade.

Durante esse momento de grande tensão, muitos profissionais se reinventaram, adaptando-se ao dito “novo normal”. Com o setor educacional também não foi diferente, muitos daqueles que não aceitavam as tecnologias como ferramenta de ensino ou, em outros casos, aqueles que enfrentavam certa dificuldade de fazer uso de tais instrumentos, viram-se obrigados a aprender a utilizá-los em suas práticas pedagógicas.

Para tanto, o foco do presente trabalho liga-se ao uso da contação de histórias através de recursos midiáticos como instrumento de ensino nas aulas remotas da escola municipal Pré-Escolar Mãe Eduvirgens, localizada no município de Tocantinópolis (Tocantins). Desse modo, o fato da contação de história ser o objeto de estudo constitui o motivo da escolha deste tema como cerne para a elaboração do presente trabalho. Sendo assim, objetivo desta pesquisa é aprofundar os estudos sobre contação de histórias para uma compreensão mais ampla.

O trabalho está organizado em três partes. A primeira parte aborda algumas obras que falam sobre a importância da contação de histórias e também sobre as diferentes possibilidades de se trabalhar com essa arte sendo mencionadas duas obras: *A arte de contar histórias no século XXI*, de Cléo Busatto (2013) e *O que é mídia-educação*, de Maria Luiza Belloni (2009). Além disso, é citada a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), especificamente as orientações que tratam acerca da importância da oralidade na educação infantil. A segunda parte apresentará o relato de experiência da autora do presente trabalho com o “contar histórias” em tempos de pandemia na Escola Municipal Pré-Escolar Mãe Eduvirgens entre os anos de 2020-2021. Durante esse tempo, trabalhou-se com o ensino à distância, através de vídeos, portfólios e grupos de *WhatsApp*. Por último, a terceira fará uma análise de um questionário dissertativo respondido por profissionais que atuaram na escola durante a vigência da pandemia. Nesta parte é válido considerar de antemão que os participantes opinaram sobre a importância dessa arte e, também, dialogaram sobre a sua experiência com ela durante as aulas remotas.

A presença da oralidade em diferentes contextos sociais

No que se refere à contação de histórias Cléo Busatto discute em sua obra *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço* (2013) a importância da permanência do contador de história não somente em instituições escolares, mas também no meio social como um todo. A autora fala sobre o processo de adaptação do contador tão importante para a sociedade e ressalta o alinhamento da sua arte com o uso das tecnologias para que ela permaneça viva. Em um dos trechos do seu trabalho faz a seguinte colocação:

... enquanto os contos aguardam a voz que os tornará reais, uma personagem elabora reflexões sobre a arte de contar histórias, e se enrola nas teias do tempo, ora se vendo no incunábulo desta tradição, misturada a bardos e *griots*, *sherazades* e avós; ora se vendo num tempo futuro, disputando o espaço com a imediatez e a instantaneidade do ciberespaço, tentando andar de braço dado com a era da informática, ao se lançar como uma cibercontadora (Busatto, 2013, p. 9).

Busatto (2013) também menciona que por tempos a contação de histórias foi e continua sendo uma das principais ferramentas utilizadas para a construção de conhecimentos. Antepassados transmitiam sua cultura de geração para geração através da voz dos contadores de histórias, e além de aprender mais sobre a sua cultura, a oralidade era utilizada como momento de lazer nas comunidades.

Em um passado não tão distante não existiam televisão, DVD-ROM, celulares, computadores e nem serviços de streaming como a *Netflix*. De acordo com Busatto (2013), havia apenas pessoas que, por meio da oralidade, levavam os seus ouvintes para o passado e para lugares antes nunca vistos, sem precisar sair do lugar, e isso já era o suficiente.

Busatto (2013) diz ainda que, com o surgimento da escrita, acreditou-se que a oralidade perderia seu espaço no meio social. Entretanto, permaneceu cumprindo um importante papel, pois contribui e acrescenta no ato de contar histórias. Sabemos que temos uma memória falha e que ao envelhecer deixamos alguns detalhes para trás, sobrando somente retalhos de lembranças. Por isso, a escrita – e em especial os livros – deu considerável energia às histórias, suas raízes ficaram mais firmes, suas sementes puderam ser espalhadas ao redor do mundo, levando encanto e magia para ouvintes de lugares distantes.

Ainda fazendo menção à Cleo Busatto (2013), alude-se que o ofício da contação de histórias não parou por aí. É de total entendimento que com o tempo a sociedade muda, surgindo novas necessidades, interesses e exigências no mercado de trabalho, e assim acaba uma determinada moda, depois aparece outra. Uma rede social perde o interesse, mas uma similar e mais moderna assume o espaço, e tal aspecto ocorre também com a educação: nós, enquanto mestres, precisamos acompanhar e nos adaptar sempre a essas oscilações para que os alunos não percam o interesse pelo aprendizado.

Nesse sentido, a contação de histórias não pode ficar para trás. O uso da oralidade vem tomando diferentes espaços e isso se dá pelo fato de que os contadores de histórias estarem cientes da necessidade de mudar as suas práticas e de buscar ampliar os seus horizontes sem perder a sua essência. Mediante esse contexto, surgem os seguintes questionamentos: Qual ferramenta mais impacta positivamente os ouvintes no uso da oralidade? Fazer uso somente da voz e da memória? Usar um livro? Fantoques? Se caracterizar? Narrar através de gestos? Tais questionamentos têm apenas uma resposta: tanto faz! O que é preciso é que o ato de contar histórias se mantenha aceso, pois ele além de ensinar, é um momento de troca de afeto entre narrador e ouvinte, o famoso “olho no olho”.

Mas, a grande pergunta é: Como fazer isso à distância, em tempos pandêmicos? Para muitos seria impossível fazer uso de uma tela para apresentar histórias. Não existiria chance alguma de despertar o interesse de uma criança contando história através de um vídeo. Engano. O que se contempla cada vez mais é que a contação de histórias vem se adentrado em espaços antes inimagináveis, e as mídias sociais é uma delas. Busatto reflete que:

Paradoxalmente, a arte, que pedia um tempo e o corpo presente para se desenvolver e envolver, se integrou à velocidade da virtualidade, assumindo novas feições, como as histórias mediadas pelo digital. Esta arte já não tem como característica apenas uma provável despreensão dos antigos contadores, que se reuniam ao redor do fogo, ao pé da cama. Por outro lado, imprimiu-se nela uma sofisticação técnica, com detalhes que fazem diferença, como um texto mais elaborado sintaticamente, imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito-contador com domínio dos recursos vocais e corporais ... (Busatto, 2013, p. 9-10).

Portanto, fica claro, nessas considerações da autora, o quanto o ato de contar histórias transformou-se (e ainda continua) com o passar do tempo. Ao falar sobre os antigos contadores que reuniam a sua comunidade para narrar histórias próximo ao fogo, chama a atenção o fato de que essa prática nos dias atuais, apesar de uma estratégia diferenciada, assume grande relevância no cotidiano e no aprendizado da criança, pois é através do contato com livros e a contação de histórias em diferentes espaços do seu cotidiano, que ela começa construir sua personalidade enquanto leitora. Para tanto, à educação é dada a continuidade a essa estruturação.

É imprescindível que o contar histórias se torne um hábito na sala de aula pois existem diversas razões para se ler para as crianças e um dos motivos principais é o fato de que é nesse momento que a criança desperta imaginação e interesse pela leitura. Através da voz do professor, das rodas de conversa, a criança será levada ao caminho do saber, e com isso, abre-se a porta para o universo do encanto e ao mesmo tempo do aprendizado. Mas é importante, antes de tudo, que se saiba o motivo para o qual se lê.

Para Busatto (2013), há leituras para todos os tipos de gostos e de intenções: ler para ensinar como ter um bom comportamento, ler para aprender a não confiar em estranhos, ler para conhecer outras culturas, ler para sorrir, chorar, se emocionar, para escapar um pouco da realidade, para desvendar um mistério difícil de ser solucionado, por curiosidade, ler somente por ler, dentre outras razões. Outro motivo de realizar esses momentos com as crianças na sala de aula é a desigualdade social que enfrentamos e que faz com que nem todas tenham acesso à leitura e à contação de histórias fora da instituição escolar.

Ao voltar novamente à lembrança dos tempos de pandemia, uma pergunta relevante é: Será se as crianças de classe mais baixa de alguma forma tiveram contato com a leitura? Essa pergunta torna mais necessária ainda realizar esses momentos, uma vez que é um desafio instigar o gosto pela leitura nesse público que não tem acesso a livros constantemente.

Ao estudar a *Base Nacional Comum Curricular*, a BNCC (Brasil, 2017), percebe-se a extrema importância da leitura desde a fase da Educação infantil pois é a fase propícia para o incentivo ao gosto pela leitura, pois as crianças ainda não leem de forma convencional, ou seja, não fazem leitura de textos, mas somente de imagens e pequenas palavras. Sendo assim, a única forma DE manterem contato com o mundo das histórias é através da voz daqueles que já possuem o domínio da leitura. Para Busatto (2013), é crucial lembrar que a leitura para crianças não deve ser feita de qualquer forma, é preciso uma organização, um planejamento, um objetivo e uma intenção por trás dessa prática.

Ainda fazendo menção à Base Nacional Comum Curricular, é importante apresentar o trecho em que ela aborda a importância da oralidade dentro da educação infantil:

Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo ... (Brasil, 2017, p. 42).

Percebe-se, assim, a relevância da oralidade no processo de desenvolvimento da criança. O documento prevê que, através do contato direto com o meio social, essa criança tenha a oportunidade de vivenciar experiências que incentive curiosidade e descobertas daquilo que está ao seu redor.

A BNCC também ressalta que a leitura na Educação Infantil é uma das experiências que as crianças necessitam vivenciar em sua fase de desenvolvimento. Sem o contato com a leitura, dificilmente se adquire a capacidade de imaginar, de encantar, de se expressar. Tudo isso são direitos previstos no documento mencionado. Portanto, se o educador não assume esse compromisso com as crianças, este está evidentemente infringindo aquilo que é previsto em lei.

O uso das tecnologias no contexto educacional

Sobre o uso das tecnologias no âmbito da educação, é fato que tanto as instituições como os profissionais ainda estão em processo de construção. Segundo Belloni (2009), aos poucos, essa ferramenta vem deixando de ser vista como uma vilã do ensino, e se tornando

uma grande aliada. Assim, as mídias tornaram-se um recurso de grande importância no momento do planejamento.

Crianças de forma precoce já estão adquirindo celulares e *tablets*, acessando diferentes plataformas e joguinhos. Isso é algo que não dá para ser impedido, e com isso, o que cabe aos educadores mediante essa situação, de acordo com Belloni (2009), é conscientizar os alunos para um consumo consciente e útil das mídias.

Sobre isso, é interessante fazer menção a uma obra da referida autora, cujo título é *O que é mídia-educação* (2009), na qual se trata sobre as transformações sociais e educacionais que a tecnologia vem causando. Em um dos trechos do seu trabalho, a autora destaca que “A missão da mídia-educação vai se tornando mais complexa e difícil, ao mesmo tempo em que seu papel se torna também mais crucial, e cada vez mais, imprescindível ...” (Belloni, 2009, p. xiv).

Belloni (2009) reflete que é impossível tentar impedir as mídias de adentrarem na vida de jovens e crianças, pois estas penetram de diferentes formas no cotidiano das pessoas. O que a cibercultura oferece, encanta, chama atenção é fazer uso desses dispositivos ao fazer jus à fala da autora, “constitui um direito fundamental da humanidade” (Belloni, 2009, p. xiv). Nesse sentido, resta aos profissionais da educação adaptar suas práticas metodológicas para fazer uso de tais recursos.

Belloni explica o impacto do avanço tecnológico ao afirmar que:

O impacto do avanço tecnológico (entendido como um processo social) sobre processos e instituições sociais (educação, comunicação, trabalho, lazer, relações pessoais e familiares, cultura e imaginário e identidades etc.) tem sido muito forte, embora percebido de modos diversos e estudados a partir de diferentes abordagens (Belloni, 2009, p. 7).

Durante a pandemia, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pelos professores tornou-se mais constante dentro de diferentes situações, por exemplo, serviram para capacitações e reuniões online, para conversar com as crianças, para pesquisar propostas de atividades, vídeos, músicas, gravações de chamada e histórias, para manter contato com colegas de trabalho e se manter informado sobre notícias e assuntos relacionados à demanda escolar.

No contexto mais geral, também, serviram para ligações, conversas em chats com amigos, familiares e colegas de trabalho. Essa foi a única maneira de manter contato com pessoas do convívio social e ao mesmo tempo evitar o contágio da Covid-19. Pessoas que

tinham dificuldades com as tecnologias precisaram aprender a manusear *smartphones* com diferentes funções e aplicativos, desenvolvendo habilidades de gravar áudios, vídeos e tirar fotos para enviar a familiares que não podiam lhe visitar. Os cinemas, estádios e teatros foram fechados e, assim, plataformas de *streaming* tornaram-se um dos únicos instrumentos de entretenimento durante o isolamento social.

O presente tópico teve por objetivo fazer uma breve reflexão sobre a importância e necessidade do contato com a leitura e com a contação de histórias no cotidiano de jovens e crianças. E sobre o contexto enfrentado pela pandemia, onde não somente profissionais de diversas áreas, como também pessoas de grupos de riscos se viram obrigadas a aprender fazer uso das tecnologias. Também se deu um maior aprofundamento da relevância que as tecnologias assumem para vida social das pessoas nos dias atuais, bem como sobre a necessidade de as instituições escolares prepararem seus alunos a fazerem um uso sábio e útil desses instrumentos tão ricos e cheios de possibilidades. No subtópico seguinte, serão mencionadas algumas oportunidades de se trabalhar com a contação de histórias, citando exemplos de como utilizar as tecnologias para tal objetivo.

As diferentes possibilidades para se trabalhar com a arte da contação de histórias

Busatto (2013) mostra algumas das estratégias utilizadas pelos contadores de histórias como forma de manter acesa a chama da oralidade no cotidiano dos ouvintes a partir de diferentes técnicas. Para narração de histórias, é preciso antes de tudo cativar o seu telespectador, logo:

Eles chegam de todas as partes: Nortel, Sul, Leste, Oeste. Vêm vestidos de vermelho, azul e amarelo; fitas coloridas penduradas pelo corpo, vêm com jeito de palhaço, ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, panos, chapéus, tapetes, bonés, caixas de fósforo, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, cantando deixando leitura, múltiplas leituras aos seus ouvintes hipnotizados ... Eles são os contadores de histórias do século XXI. Estão presentes nos quatro cantos do mundo (Busatto, 2013, p. 26).

Walter Benjamin (1983), citado frequentemente por Busatto (2013) em sua obra, temia que essa arte deixasse de existir devido aos novos interesses e necessidades do homem. Porém, o contador de histórias conseguiu ultrapassar a barreira tecnológica, tornando-a na verdade um grande aliado nessa tradição.

Segundo Busatto (2013), a técnica da oralidade ainda permanece no universo da contação de histórias. Há os contadores, que somente com sua voz e gestos, encantam quem estiver ouvindo, fazendo com que estas viagens para outros lugares inimagináveis. Esses têm a facilidade de ativar o modo imaginação em seus ouvintes, não são somente crianças, mas também jovens e adultos, uma vez que essa arte é voltada para públicos de todas as idades.

Além disso, há aqueles que possuem dificuldades de guardarem muitas histórias na memória, fazendo uso dos livros e utilizando das gravuras como forma de ajudar o ouvinte a compreender mais o enredo da história. Para muitos, essa técnica tende a fazer com que a imaginação deixe de existir. Mas, na verdade, esta aguça mais a atenção das crianças, serve como outra porta para esse mundo e, não menos importante, serve como incentivo ao gosto pela leitura.

Ainda fazendo menção à Busatto (2013), há também aqueles que se caracterizam para abrilhantar mais o momento, incorporando personagens. Eles conseguem perfeitamente assumir duas funções (interlocutor e intérprete) sem permitir que uma exclua a outra. Esse tipo de proposta tende a aproximar mais o ouvinte com mundo que o contador de histórias abrirá as portas, interiorizando aquela outra realidade para dentro de si e fazendo assim com que ela se torne sua.

Existem os que fazem uso de objetos, fazendo demonstrações, imitando os personagens, trazendo à tona diferentes sentimentos para aqueles que têm o dom de escutar. Para tanto, é interessante observar como alguém consegue fazer uso de um simples pedaço de pano para contar histórias.

Segundo Busatto (2013), alguns são ao mesmo tempo contadores e cantores, pois fazem uso de instrumentos para imitar os barulhos ou mesmo para cantar histórias. Ou seja, além da tradição oral, transmitem também a musical. Nessa mesma perspectiva, existem os que, antes de dar introdução à narração, cantam uma música para chamar os seus ouvintes para uma nova viagem.

Além disso, Busatto (2013) menciona os que usam de fantoches, dedoches, que utilizam teatros para divertir o público. Aqueles que têm quem faça uso de um avental com os personagens e a paisagem da história, como forma de apresentar cada um para os telespectadores facilitando assim tanto para quem narra, como para quem ouve.

Existem os que utilizam da tela de um celular ou de um computador, lidando com todas as técnicas já mencionadas. Além de gravar, estes devem aprender a fazer edições, de modo

que a história se torne ainda mais atraente para aqueles que irão recebê-la. Há quem aprenda a usar aplicativos que a internet oferece, como o *KineMaster*, que coloca backgrounds e áudios de fundo para tornar a gravação mais divertida e interessante.

Ainda nesse mesmo contexto, há aqueles os que criam cenários para apresentar uma história. Um simples tapete com livros e brinquedos torna-se um ambiente prazeroso para se ouvir uma história. Há os que utilizam de gravuras e quadros para ajudar no entendimento quanto ao enredo da narrativa. E, também, quem use somente da voz e um tubo de linhas para contar a lenda de *Anansy e o baú de histórias*, uma lenda africana que fala sobre o surgimento das histórias no mundo. Nesse âmbito, isso tende a encantar e prender a atenção do ouvinte.

Para tanto, é notório o esforço e a perseverança dos narradores, dos professores que também são contadores de histórias e que contribuem para que essa tradição possa permanecer, principalmente em tempos de pandemia. Mas esses desafios ainda não acabaram, é preciso sempre se atualizar e fazer readaptações no que concerne à arte de contar histórias.

As professoras do Pré-Escolar Mãe Eduvirgens, durante os anos de 2020 e 2021, por meio de um trabalho árduo e complexo de narração, conseguiram com muito esforço e total dedicação manter nas crianças a paixão pela oralidade. A arte de contar histórias não é fácil, porém, quando se interessa por adentrar nesse universo e buscar as alternativas, o resultado é gratificante.

O próximo tópico terá como intenção fazer um breve relato acerca de uma experiência enquanto educadora, durante os anos de 2020 e 2021, no que tange ao ensino e à contação de histórias conciliado ao uso das tecnologias. A finalidade de tal abordagem é contribuir para práticas futuras que abram novos horizontes e novas possibilidades e metodologias de ensino.

Experiências e vivências com a arte da oralidade vinculada ao uso de recursos tecnológicos como instrumento de ensino e aprendizagem

Como referência para esse tópico, será usada a obra *Mídia-educação: da tecnologia à comunicação educacional* (2015), de Luiza Belloni. Esta fala sobre o uso das TIC's como sendo um grande e importante aliado no processo de ensino nos dias atuais:

... Em nossas sociedades contemporâneas, em que a importância das redes telemáticas e da realidade virtual é cada vez maior, a educação deve mais do que nunca ser efetivamente para todos (e não apenas para os jovens; e não somente para os mais favorecidos) e deve fazer um uso intensivo das TICs, em uma perspectiva humanista de educação para o desenvolvimento, para a solidariedade e para a cidadania (Belloni, 2015, p. xiii).

Em agosto de 2020, iniciou-se uma nova etapa na carreira dos profissionais da educação municipal de Tocantinópolis (Tocantins). Após quase metade de um ano sem aulas, com escolas fechadas, a Secretaria da Educação compreendeu que não teria como as coisas continuarem como estavam. Os jovens, as crianças e os adultos em fase de escolarização já estavam com seu aprendizado atrasado, não podendo retardar mais tal processo.

Aulas remotas foram entendidas como a alternativa encontrada para as escolas municipais, incluindo as de Educação Infantil e da primeira fase do Ensino Fundamental, como forma de manter os cuidados contra o contágio da Covid-19. Com essa novidade, se deu início a uma preocupação coletiva por parte dos profissionais, em que surgiram dúvidas, medos, e questionamentos como: “com dificuldades com tecnologias, como farei uso delas na prática de ensino-aprendizagem com as crianças?”; “Se eu adulto estou com os nervos à flor da pele pela falta de contato social, como devem estar essas crianças que não compreendem de forma clara o que o mundo está enfrentando?”.

Várias foram as preocupações e os anseios por parte dos professores. Antes de dar início à proposta, foram realizadas reuniões via *Google Meet* e *YouTube*, nas quais profissionais especializados em Psicologia contribuíram para que os professores e gestores ficassem mais tranquilos quanto ao retorno das aulas de forma remota.

Além desses momentos de grande importância para a equipe educacional, disponibilizaram-se também formações continuadas para os educadores atuarem remotamente. Apesar do pouco tempo de duração das formações, estas ajudaram bastante os profissionais em noções de como dar início a esse trabalho.

A instituição Municipal Pré-Escolar Mãe Eduvirgens, além de ter, à época, uma equipe incompleta, também estava com o prédio da escola ocupado pelo Centro de Acolhimento Indígena. Outra parte importante a ser mencionada é que a escola estava sem gestor, tendo somente uma coordenadora que acompanhava a parte administrativa e pedagógica ao mesmo tempo. De qualquer modo, a equipe escolar precisou dar início ao seu trabalho, ocupando a sala de outra instituição também localizada em zona urbana. Os materiais que deveriam ser utilizados para o planejamento como impressora, papel sulfite, TNT, EVA, entre outros, teriam que ser levados para a outra escola.

Com isso, o trabalho se tornou mais exaustivo, a outra instituição estava localizada a uma distância significativa e os profissionais já estavam acostumados com seu próprio ambiente de trabalho. Quanto à montagem do portfólio, esse teve que ser feito do zero, e a

equipe escolheu iniciar o tema abordando sobre a Covid-19 e o distanciamento social. Para a elaboração do mesmo, foi encontrado um portfólio na internet com o mesmo tema o qual foi utilizado como modelo para que o nosso pudesse ser elaborado. Vale assinalar que a primeira proposta teria como finalidade fazer uma sondagem ao aprendizado das crianças para que os próximos pudessem ser elaborados de modo a atender as suas principais dificuldades.

Após um determinado tempo, a equipe escolar conseguiu negociar com a Secretária Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) a ocupação de um prédio do município mais próximo da instituição escolar. Isso aliviou a tensão por parte da equipe por saber que estava mais perto do seu local de trabalho. Pouco tempo depois, o prédio próprio do Pré-Escolar Mãe Eduvirgens foi desocupado e a equipe retornou para o seu ambiente definitivo.

Os portfólios deveriam ser feitos quinzenalmente e nesse âmbito cada um teria que abordar um tema que estivesse de acordo com a necessidade das turmas. Era escolhido pela equipe pedagógica histórias e vídeos que estivessem relacionados ao assunto para um melhor embasamento. Depois dessa escolha, as atividades eram selecionadas, uma profissional ficava responsável pela elaboração do projeto e do roteiro, ao passo que a montagem do objeto final era feita por outra pessoa. Era um processo demorado, contudo, compensatório. A intenção do grupo era de entregar um portfólio completo no qual as famílias pudessem acompanhar as crianças sem dificuldades.

Após esse breve resumo sobre como se dava a confecção dos portfólios, é conveniente explicitar um pouco melhor sobre a função que a contação de histórias assumia dentro desse conjunto. A cada tema, era escolhida uma ou mais histórias para que pudesse ser dada uma sequência didática de propostas que estivessem de acordo com o tema.

O título do primeiro projeto foi o texto *Cartas às meninas e aos meninos em tempos de Covid-19*, elaborado pelo Fórum Mineiro de Educação Infantil (FMEI), em março de 2020. A obra tinha como intenção fazer um texto com uma linguagem simples e clara para uma melhor compreensão por parte das crianças com relação à situação que o mundo todo estava vivenciando. O trabalho ressaltava a importância do distanciamento social, a necessidade de ficar em casa, e que no momento as crianças não podiam ir para a escola, pois os cientistas estavam procurando soluções para a doença da Covid-19. Mas, é deixado claro que tudo voltaria ao normal, e que todos poderiam voltar para a escola e brincar com seus amigos.

A segunda obra foi a história de *Malala, a menina que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca (2015). Essa obra trata de uma menina paquistanesa de Suate que queria

estudar e não podia pelo simples fato de ser mulher. Ela questionava a lei e persistia em querer estudar, até ser perseguida pelos talibãs. Ao ouvir essa história, apesar dos riscos, a jornalista e autora Adriana Carranca quis conhecer Malala pessoalmente. Enfim, com a ajuda de Adriana, o mundo todo pôde conhecer a história de Malala e seu anseio por estudar.

A intenção de apresentarmos a história de Malala foi mostrar que assim como as crianças da nossa escola queriam estudar, a referida jovem também queria, mas o contexto das situações era diferente. O alvo era conscientizar sobre a importância dos estudos para as nossas vidas mesmo que à distância.

A primeira história foi apresentada por uma professora, já a de Malala foi narrada pela pesquisadora deste trabalho, com o auxílio de um livro. Foi a primeira experiência da pesquisadora narrando uma história através de um vídeo. No dia, como ainda estava em processo de recuperação de uma cirurgia, a mesma gravou e editou o vídeo em casa com ajuda do seu esposo.

Como iniciante em narrar histórias por meio das mídias, a pesquisadora passou por um processo de dificuldade e nervosismo. A principal dificuldade foi na edição, pois o que se tinha como prioridade era continuar chamando a atenção das crianças para o ouvir histórias, mas agora de forma diferente. Além disso, o aplicativo *KineMaster* era uma novidade para todas as professoras, inclusive para a referida pesquisadora.

O retorno desse primeiro contato com contação de histórias enquanto professora e estudiosa dessa arte foi gratificante. As crianças enviaram áudios, fotos, gravaram vídeos falando sobre a história, dizendo o que compreenderam e, a partir dessa retribuição, percebemos que a meta foi alcançada com êxito. A todo o momento os alunos mandavam áudios e fotos das atividades realizadas, e isso era muito satisfatório. E com isso, a equipe percebia que todo o esforço e dedicação estavam trazendo bons frutos.

Esse foi somente um breve relato sobre como se deu o trabalho inicial com as aulas remotas e a contação de histórias como instrumento principal para o ensino-aprendizagem pela equipe escolar. Aos poucos, a equipe foi aprendendo, trazendo propostas diferenciadas para narrar histórias, fazendo uso somente da voz, usando o teatro de fantoches, o avental da história, dedoches, em suma, sempre variando a metodologia, focando em conquistar a atenção dos ouvintes.

Esse trabalho constituiu um desafio de fundamental importância, tanto para as educadoras, como também para as crianças, pois enviando um vídeo do *YouTube* com outras

pessoas desconhecidas, não seria tão significativo para as mesmas como ver a professora da classe fazendo uma videochamada ou contando uma historinha para eles. Além de ser uma surpresa, aquele contato indireto continha um carinho, um esforço por parte da equipe para que as crianças e suas famílias compreendessem que a equipe da instituição estava ali para eles. Agora, no próximo tópico, será dada ênfase ao questionário que foram entregues às professoras que estavam atuando durante os dois anos mencionados no presente portfólio.

Professoras como contadoras de histórias: pausa para ouvir sobre os seus sentimentos e anseios

Busatto (2013) entende que o contador ainda continua exercendo a função que liga o ouvinte aos contos, à imaginação, aos encantos que uma história possui independente se ao vivo, ou através de uma tela. Mas, a segunda opção nunca será a mesma coisa que a primeira, o sentimento de estar perto, do olho no olho, a participação não poderá ocorrer sendo à distância. Sobre a figura do contador, a autora destaca que:

... a figura do contador de histórias continua sendo a ponte que une o ouvinte ao conto. Esteja ele ao vivo, na frente do ouvinte, ou na tela do computador é o personagem mágico capaz de propor uma viagem por mundos nunca antes explorados. Porém, a narração digital propõe um distanciamento que a narração em corpo presente não prevê (Busatto, 2013, p. 122).

Apesar de estarmos cientes de que a contação de histórias através das mídias não teria o mesmo impacto que presencialmente, e que era algo novo tanto para as educadoras quanto para as crianças e suas famílias, sabíamos que seria a única maneira de nos aproximarmos delas, e compreendíamos também que cedo ou tarde isso poderia acontecer. As tecnologias vêm perdendo aquela imagem de algo negativo para os docentes, tornando-se uma ferramenta crucial para o trabalho pedagógico.

No presente tópico, objetiva-se fazer menção à pesquisa feita com as profissionais da instituição-alvo do presente trabalho. Para isso, foi elaborado um questionário com 10 (dez) perguntas, a primeira objetiva de múltipla-escolha, e as demais dissertativas. O objetivo com essa proposta foi extrair das professoras do Pré-Escolar Mãe Eduvirgens suas experiências com a contação de histórias através de vídeos.

Durante os anos de 2020 e 2021, foram 10 (dez) professoras que atuaram na escola e que tiveram a tarefa de gravar vídeos, ora fazendo chamadinhas virtuais, ou apresentando uma história para as crianças.

Como já explicado, no início do presente trabalho, a cada portfólio deveria ser gravada uma ou duas histórias para ser enviada para as crianças após as atividades impressas serem entregues. As histórias, além de serem gravadas, eram incluídas também no portfólio impresso, caso o responsável quisesse narrar a mesma para as crianças, o que também seria uma ótima alternativa.

No questionário, era perguntado se as professoras autorizavam sua identificação na pesquisa. 2 (duas) optaram por não serem identificadas, as demais permitiram. Ao todo, foram 9 (nove) professoras, sendo que 7 (sete) autorizaram serem identificadas, e as outras duas preferiram não serem apresentadas. Vale mencionar que 4 (quatro) das docentes, atuavam em turmas de Jardim I, e as outras cinco em turmas de Jardim II.

No momento de mencionar as falas das entrevistadas que autorizaram serem identificadas, como forma de conservar a imagem das mesmas, preferi também optar por usar somente as letras iniciais dos seus nomes, tais como W.S.S.C, E.S.L, D.L.L., A.R.O.B., J.P.S., N.L.E. e J.A.C. Além do questionário, as professoras que participaram também preencheram o termo de autorização do uso da sua pesquisa para a elaboração desse artigo. Apesar das 7 (sete) participantes terem autorizado, optamos por apresentá-las fazendo uso somente das iniciais dos seus nomes.

A primeira pergunta foi objetiva. Nela, questionou-se às professoras se elas haviam atuado em 2020 ou 2021, ou em ambos os anos. Como resposta: 4 (quatro) atuaram em ambos os anos, 1 (uma) atuou somente no ano de 2020, e as outras 4 (quatro) durante o ano de 2021.

Na segunda pergunta foi solicitado que as professoras falassem sobre os principais desafios enfrentados durante as aulas remotas. Todas citaram as novas metodologias de ensino ligadas ao uso das tecnologias. As principais dificuldades mencionadas foram as gravações de vídeos e as edições. Nenhuma estava acostumada a lidar com gravações e manter contato com as turmas por meio de vídeos. A preocupação principal por parte delas era agradecer ao público que receberia os vídeos, bem como possíveis críticas por parte dos pais das crianças.

Na terceira pergunta foi solicitado que as educadoras falassem sobre os métodos utilizados durante as aulas remotas. As docentes citaram o uso dos grupos de *WhatsApp* para enviar as informações às famílias, a produção dos vídeos, e a confecção dos portfólios.

Na quarta pergunta foi pedido que as docentes falassem sobre as principais dificuldades no momento da produção dos vídeos, se era gravar, editar ou enviar. Todas responderam que

ambas eram complexas, mas que a gravação foi mais difícil, pois qualquer erro necessitava que era necessário reiniciar o processo, o que acabava causando certo desconforto por parte das mesmas. Para editar também não era fácil, pois as profissionais tinham dificuldades tanto de baixar os aplicativos necessários, como também de fazer uso desses.

A quinta questionou as professoras se achavam que gravar vídeos com histórias para as crianças seria significativo. Todas responderam que sim, pois era uma das únicas formas de se manter o vínculo com aquelas e suas famílias; e as docentes, além de gravar vídeos, enviavam também outros escolhidos no *YouTube*. Porém, os vídeos gravados pelas próprias professoras eram mais gratificantes, pois faziam parte do cotidiano das crianças tornando-os dessa forma mais significativo.

A sexta pergunta pedia para que as educadoras falassem um pouco sobre a importância de contar histórias para as crianças, mesmo que à distância no momento de pandemia. Para as docentes, apesar de desafiador, foi algo essencial, pois entendiam a importância que ouvir histórias possui para o aprendizado, a formação da personalidade, a imaginação das crianças e a construção de vínculo, e até mesmo para a forma de se expressar gestualmente (mímica) e oralmente, e não menos importante, para despertar o interesse pela leitura desde o início da vida escolar. Para tanto, com os vídeos de contação de histórias produzidos, as aulas se tornavam mais atrativas.

Na sétima questão foi solicitado que as professoras falassem sobre o retorno por parte das famílias em relação ao envio dos vídeos feitos pela equipe. Torna-se interessante fazer menção à fala de uma das entrevistas, a J.P.S, que cita a fala de alguns familiares das crianças atendidas, destacando que as mesmas gostavam dos vídeos gravados pelas professoras, que ficavam assistindo os mesmos repetidas vezes. A partir dessa fala pode-se perceber que a intenção por parte da equipe foi alcançada. Outra fala de outra professora, a W.S.S.C, era apesar de não ser todos, grande parte dos pais se envolvia com as atividades das crianças, acolhendo e contribuindo com a equipe escolar da melhor forma possível. Para outra professora, N.L.E., era gratificante esse retorno por parte dos familiares. A professora J.A.C. menciona na sua resposta que além da gravação dos vídeos, as histórias também eram enviadas nos portfólios, contudo, os familiares prefeririam optar pela primeira alternativa por essas serem mais interessantes chamando assim mais a atenção das crianças.

A oitava pergunta solicitava para que as docentes dissessem se tinham interesse em aprender mais sobre a arte de contar histórias utilizando as mídias sociais. Todas responderam

que sim, pois estão cientes de que quando se estar na educação é preciso estar sempre buscando novas práticas e metodologias como aperfeiçoamento, sempre com a intenção de instigar as crianças. É importante destacar a fala de uma das professoras que preferiu não se identificar. a mesma afirma que a contação de histórias é uma arte indispensável para a educação infantil; e com isso, mais uma vez, percebe-se que as profissionais compreenderam a importância da oralidade no cotidiano das crianças pequenas.

A penúltima pergunta pediu que as professoras falassem sobre a importância da contação de histórias para o aprendizado. Grande parte das participantes discorreu sobre o cognitivo, a ampliação do conhecimento, o aprender a se expressar tanto oralmente como através da escrita, instigar o gosto pela leitura, o trabalho com o lúdico e a contribuição da contação de histórias no que se refere a despertar o imaginário e a criatividade das crianças.

E por fim, a décima pergunta requisitou que as professoras falassem um pouco sobre tudo o que aprenderam durante os anos de 2020 e 2021 no que concerne a contar histórias por meio das mídias. Uma das professoras respondeu que podemos aprender sempre mais, desde que estejamos abertos a essa possibilidade, e que foi um momento de superação e trabalho em equipe. A professora D.L.L., respondeu que não foi fácil, mas que com as experiências melhorou a sua entonação de voz, aprendeu a ter entusiasmo, e que só sentia necessidade de aprender mais a usar aplicativos de edição de vídeos.

A professora W.S.S.C., diz que aprendeu a organizar aulas mais lúdicas, e também teve que romper o seu medo de ficar frente às câmeras, além de ampliar mais a sua paixão às histórias infantis. A professora J.P.S disse que por mais complexo que seja educar, é preciso potencial e coragem para enfrentar qualquer desafio. A docente E.S.L., fala que devido ao pouco tempo de experiência, ainda tem muito a aprender, mas o que entendeu foi que contar histórias tornam as aulas mais didáticas. A professora A.R.O.B, cita que enquanto educadora é preciso sim aprender a manusear os recursos tecnológicos, pois assim, se aproxima mais das crianças dessa geração atual. A professora N.L.E., cita que aprendeu a fazer uso da contação de histórias como recurso didático para otimizar a aprendizagem. E a professora J.A.C, finaliza ressaltando que é preciso se ter uma real noção do significado do contar histórias, e saber sentir os diferentes sentimentos que esse momento pode propiciar.

Ao ter acesso aos questionários respondidos pelas professoras, nota-se que o desafio de contar histórias, fazendo uso das tecnologias, foi de grande complexidade, contudo, as mesmas aprenderam mais ainda sobre o quão essa ferramenta é indispensável para o processo

de ensino, e que não existem barreiras para quem aceita os desafios. Também não há somente uma forma de contar histórias, e que enquanto educadoras é preciso inovar e fazer uso de diferentes possibilidades como forma de chamar a atenção das crianças.

Considerações finais

Apesar da pandemia ter provocado muita preocupação por parte dos profissionais da educação, essa também trouxe ensinamentos. Um deles foi para se compreender que a vida é um sopro, e que temos que usufruir de tudo o que nos proporciona antes que seja tarde. A outra, é que o aprendizado é um processo interminável, e que nunca deixaremos de aprender, sempre surgirá uma nova teoria, um novo conhecimento, uma nova prática que caberá a nós enquanto educadores aderirmos para o nosso cotidiano.

A arte de contar histórias conseguiu seu espaço na fonte da eternidade, e sempre vai existir. Essa tradição vai se adaptar, partir para outros setores, vai continuar encantando e ensinando e se reinventando segundo as novas necessidades que surgirão. E assim como em outras gerações, vai ser mantida como um instrumento de suma importância no processo de aprendizado de diferentes gerações.

Não será diferente com os educadores, pois esses, sempre, estarão presentes nesse universo confuso, readeguando a sua arte, arte esta que é compartilhar aquilo que aprende. Não existem barreiras para quem estar disposto a descobrir novas práticas, novas formas de ensinar, e esse é um desafio que compõe a essência da educação, o conhecimento já adquirido nunca será suficiente.

O Pré-Escolar Mãe Eduvirgens, apesar das dificuldades e desafios encontrados no decorrer da pandemia, conseguiu se sobressair pois as professoras aprenderam muito no que se refere ao uso das tecnologias como instrumento de ensino, e compreenderam que a arte da contação de histórias jamais poderá ficar de fora do processo de ensino e aprendizagem de crianças nessa etapa inicial da educação. Aprenderam também que não existe somente uma forma de trabalhar com esse universo da oralidade, mas sim diversas possibilidades.

As professoras estavam cientes que apesar do desconforto de se exporem em frente às câmeras, valeriam a pena no final, e que esse momento era de grande significado para as crianças que não compreendiam o porquê de não poderem ir para a sua escola. Porém, mesmo que não pudessem ir, a sua professora estava ali para mostrar que mesmo que por uma tela,

continuava lá para elas, se esforçando ao máximo para que o seu aprendizado não fosse tão prejudicado.

Por fim, aprender sobre a contação de histórias torna-se cada vez mais essencial. Diversos são os horizontes que essa arte nos direciona e nos instiga a continuar viajando e aprendendo. E enquanto estudiosa desse ofício, a pesquisadora percebe que tal atividade faz o mundo melhor e tende a fazer com que o processo de aprendizado se torne algo mais divertido e prazeroso, tornando o universo da criança mais encantador, aproximando mais o docente do discente, fazendo que ambos despertem para a terra da imaginação, e que o afeto no momento dessa tradição é inexplicável e ao mesmo tempo encantador.

Referências

Belloni, M. L. (2001). *Mídia-educação: da tecnologia à comunicação educacional*. Campinas, SP. Autores associados.

Benjamin, W. (1983). *O narrador*. (2a ed.). São Paulo: Abril Cultural.

Busatto, C. (2013). *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. 4a ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Brasil. Ministério da Educação. (2017). *Base Nacional Comum Curricular*. Recuperado de http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 08/02/2023
Aprovado em: 22/03/2023
Publicado em: 30/05/2023

Received on February 08th, 2023
Accepted on March 22th, 2023
Published on May, 30th, 2023

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Damascendo, L. A., & Silva, M. S. (2023). A contação de histórias com uso das tecnologias no Pré-Escolar Mãe Eduvirgens: limites e desafios em tempos de pandemia. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 7, e15680. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e15680>

ABNT

DAMASCENDO, L. A.; SILVA, M. S. A contação de histórias com uso das tecnologias no Pré-Escolar Mãe Eduvirgens: limites e desafios em tempos de pandemia. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 8, e15680, 2023. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e15680>